

Com os velhos inimigos

Daniela Nahass e
Oswaldo Buarim Jr.
Da equipe do **Correio**

O que têm em comum o bispo Edir Macedo, o ex-senador Antonio Carlos Magalhães e um ex-aliado de Jader Barbalho? Os três preparam-se para votar em Luiz Inácio Lula da Silva para presidente da República em 2002. Explica-se: a boa performance de Lula nas pesquisas e a falta de um candidato governista que agregue todos os partidos que apóiam Fernando Henrique chamam a atenção de adversários históricos do PT, como a Igreja Universal do Reino de Deus, abrigada no PL, e o cacique pefelista ACM. E já atrai gente cuja presença no PT seria há muito pouco tempo impensável, como o diretor da Petrobras Delcídio Gomez, nomeado para o cargo por indicação do ex-senador do Pará, e neopetista desde a semana passada pelas mãos do governador do Mato Grosso do Sul, Zeca do PT.

Desde que renunciou ao mandato de senador para escapar à cassação e perda dos direitos políticos, ACM esforça-se para manter seu feudo de poder na Bahia. Para não correr riscos em 2002, planeja oferecer uma trégua a Lula: o candidato a presidente do PT não faz campanha contra ele e ACM não o sataniza na Bahia. A princípio, o acordo interessa mais a Antonio Carlos, que perdeu em casa o apoio do PSDB e do PMDB e tenta manter o PFL unido sob seu comando. ACM não tem can-

didato a presidente. Ensaçou apoiar Itamar Franco e Ciro Gomes, mas não tem como saber se o enigmático governador mineiro chegará à campanha e se o ex-ministro da Fazenda terá força quando a busca de votos for para valer. O PT sabe dos riscos de se aliar a ACM, conhecido por cobrar caro pelo seu apoio e pela maneira como tenta tutelar seus aliados. Mas dirigentes petistas admitem que a manobra é aceitável se ficar restrita aos bastidores da campanha e der a Lula a chance de ga-

nhar no primeiro turno.

Essas conversas de bastidores com ACM dão o tom do pragmatismo que hoje domina a cúpula petista. O partido hoje demonstra estar mais interessado em garantir as condições para vencer as eleições do que propriamente em manter a sua pureza de esquerda trabalhista. Com a Igreja Universal, a paz já está selada e a aliança caminha a passos largos. Quem antes era a própria encarnação do demônio para os evangélicos, hoje é visto como uma ótima opção de

poder. A um ano das eleições presidenciais, o apoio do PL à candidatura de Lula (PT) não soa mais como um disparate. É verdade que o PT mudou, amenizou o discurso, está cada vez mais próximo do rótulo "PT light", mas esta aliança só será possível porque o PL não mudou: continua um partido pragmático em busca de uma forma de chegar ao governo. Com os governistas, o PL sabe que não tem a mínima chance. Em seis anos de governo tucano, o presidente nacional do PL, deputado Waldemar

da Costa Neto (SP), só foi chamado ao Palácio da Alvorada por Fernando Henrique Cardoso uma única vez. O presidente queria que os deputados do PL não assinassem o requerimento de instalação da CPI da Corrupção.

"Antes, dizíamos que o diabo era barbudo e tinha quatro dedos porque nós não conhecíamos o PT e o Lula", justifica o deputado Bispo Rodrigues, referindo-se a Lula, que perdeu um dedo, em acidente de trabalho, quando era metarlúrgico. Coordenador polí-

tico da Igreja Universal do Reino de Deus, Rodrigues disse que recentemente pediu desculpas ao petista. Mas se o PL tem motivos de sobra para se aproximar do PT, a recíproca também é verdadeira. Além dos votos dos evangélicos, a Universal tem uma grande rede de comunicação, que inclui emissoras de TV, rádios e jornais. Usado contra Lula e o PT em eleições passadas, esse conglomerado pode agora pode jogar a seu favor.

COLABOROU PAULO SILVA PINTO

LULA FAZ ACERTOS COM ANTONIO CARLOS MAGALHÃES E COM O BISPO EDIR MACEDO. PAVIMENTAR O CAMINHO DA VITÓRIA É HOJE MAIS IMPORTANTE QUE MANTER O PURISMO DO PARTIDO

